

A DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA DO CONHECIMENTO (CIÊNCIA OU CONSCIÊNCIA)*

José Gilberto de SOUZA**

RESUMO: O texto apresenta uma reflexão sobre a dimensão social e política do conhecimento, apontando para o papel dos intelectuais. Parte da concepção de inexistência de um saber desinteressado. Tal perspectiva concorre com leituras de isolamento intelectual da vida e do cotidiano ou posicionando-o como protagonista do novo e, que em verdade, estas duas concepções se assemelham à medida que contrastam ou buscam descartar o vínculo sócio-histórico dos intelectuais. Conclui que os intelectuais apresentam uma responsabilidade com o devir, mas que esta perspectiva está pautada por uma construção crítica acerca de seu papel e das contribuições do seu pensar em uma dimensão ética.

Palavras chave: conhecimento, ciência, classe social, intelectuais, ética.

RESUMEN: El texto presenta una reflexión de la dimensión política y social del conocimiento, señalando con respecto al papel de los intelectuales. Considera una visión de la no existencia de un saber sin interés. Tal perspectiva concurre con lecturas del aislamiento intelectual de la vida y del cotidiano, posiciona el intelectual como protagonista del nuevo y, en verdad, estos dos conceptos son similares a la medida que ponen en contraste su vida y desconsidera su vinculación socio-histórica. Concluye que los intelectuales presentan una responsabilidad con el devir y esta perspectiva es pautada por una construcción crítica referente a su papel y de las contribuciones de su pensar de manera ética.

Palabras Clave: conocimiento, ciencia, sala de clase social, intelectuales, el ética.

RÉSUMÉ : Le texte présente une réflexion sur la dimension sociale et politique de la connaissance, on indiquant le rôle des intellectuels dans ce processus, on partant de la conception d'inexistence d'un savoir désintéressé. Il détache que cette perspective concourt avec des lectures d'isolement intellectuel de la vie et du quotidien ou on plaçant cet intellectuel comme une protagoniste du nouveau et, qu'en vérité, cettes conceptions sont ressemblent à mesure que contrastent ou cherchent rejeter leurs liens social et historique. Il conclut que les intellectuels présentent une responsabilité avec le devenir, mais que cette perspective est réglée par une construction critique concernant son papier et leurs contributions sur leurs pensées dans une dimension éthique.

Mots-clé : connaissance, science, classe sociale, intellectuels, éthique.

1. INTRODUÇÃO

A perspectiva de entendimento das dimensões social e política do conhecimento se estabelece a partir de um ponto central: a inexistência de um saber desinteressado.

Tal ponto confere uma leitura sobre o posicionamento dos intelectuais frente à vida e o cotidiano e em que medida o suposto isolamento dos mesmos não se configura em um elemento ideológico que quer fundamentar sua produção científica como desinteressada e, por sua vez, ela mesma não ideológica.

A centralidade do desinteresse se põe sob crítica imediata nos apontamentos aristotélicos sobre a classificação, níveis ou etapas do conhecimento, ao considerar conhecimentos teóricos e práticos e ao definir etapas da sensação à reflexão absoluta, e indicar fases intermediárias.

* Prova escrita do Concurso de Livre Docência em Ciências Humanas e Sociais (Metodologia Científica). Departamento de Economia Rural. Unesp. Campus de Jaboticabal.

** Geógrafo. Professor Doutor do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-graduação em Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (C. Jaboticabal) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (C. Presidente Prudente) – Universidade Estadual Paulista. (Unesp)

A classificação aristotélica de níveis de conhecimento e dentre eles, a linguagem, evidencia claramente, o filósofo grego, sua oposição em relação aos sofistas. Para estes a opinião, portanto, a linguagem tem um papel fundamental no conhecimento e na sua elaboração. Uma posição negada por Aristóteles. Como papel intermediário, trata-se de um conhecimento parcial, limitado cuja trajetória se coloca de maneira incerta ou insuficiente.¹

Nos conjuntos de diálogos Platônicos encontra-se a figura dos Sofistas. Ela é desconsiderada em todos os planos. Ontológicos. O Sofista não se ocupa do ser, mas se refugia no não-ser e no acidente lógico: ele não busca a verdade nem o rigor dialético, mas apenas a opinião, a coerência aparente, a persuasão, e a vitória na justa oratória, [...] ²

Evidencia esse processo os embates práticos e políticos em que se envolviam os filósofos nas assembléias gregas e denota a clara intencionalidade aristotélica em sua classificação de níveis de conhecimento.

Assim, reconhecida a dimensão do interesse cabe refletir sobre os limites e formas de pensar o intelectual em seu envolvimento com as questões da vida e do cotidiano, pensado aqui como o contingente, reconhecendo que se trata de duas perspectivas com características distintas e, de certa forma, e com alguma prudência sobre estes elementos se instaura uma visão sobre o papel dos intelectuais e a sociedade.

2. OS INTELECTUAIS COMO CATEGORIA SOCIAL

Pensar os intelectuais como categoria social distinta, remete-nos às considerações de Julien Benda (*A traição dos clérigos*) em que reconhece a atividade dos intelectuais sobre a vida (a dimensão subjetiva) e o cotidiano, mas requer que os mesmos se pautem por um isolamento, sob pena de desviarem-se de seu papel reflexivo e especulativo sobre o mundo, desviando-se de uma trajetória quase que límpida do saber.³

Não são diferentes as considerações de Mannheim (1968), apontadas por Goldman⁴ (1967), em que o filósofo alemão em *Ideologia e Utopia* defende uma tarefa particular dos intelectuais na construção de um consenso frente aos embates sociais e políticos, sem “uma tomada de posição”, mas que figure como classe ou categoria social isolada, em suas palavras: “livre flutuante”.⁵ Uma evidência de sua filiação ao positivismo lógico em que toda preposição é determinada pelos dados, pelas informações.

Partindo de tal assunção [anterior], todos os problemas epistemológicos foram evitados ou colocados num segundo plano. É possível tal reserva de nossa parte e é mesmo desejável tal isolamento de um conjunto de problemas, na medida em que nosso objetivo seja somente o de uma análise desinteressada de determinadas relações concretas, sem distorções oriundas de preconceitos teóricos ⁶.

De maneira similar Ortega y Gasset, chama a atenção dos intelectuais para um papel fundamental, vinculado à questão educacional em Espanha, qual seja: de serem educadores das

¹ Durant, Will, *História da Filosofia - A Vida e as Idéias dos Grandes Filósofos*, São Paulo, Editora Nacional, 1.ª edição, 1926.

² Cassin, Barbara. *Ensaio Filosófico*. São Paulo: Edições Siciliano, 1990.p.9

³ Para estas questões ver Bobbio, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Ed.Unesp. 1997. 189 p.

⁴ Goldmann, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia. Que é a Sociologia?* Trad. de Lupe C. Garaude e J.A.Giannotti. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

⁵ Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. de Sérgio M. Santeiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968. Discussões que foram aquecidas em minha formação acadêmica desde os tempos de graduação nas aulas de Pesquisa em Geografia Humana ministrada por Sergio Braz Magaldi.

⁶ Mannheim, Karl, op.cit.p.306-307.

massas. Uma perspectiva de articulação do intelectual à sociedade. Posição também defendida por Benedetto Croce, para quem os intelectuais são depositários de uma cultura, que deve ser consolidada social e politicamente, apontando diretrizes à sociedade.⁷

Nestas perspectivas apontadas ou existe um apelo ao isolamento do intelectual ou defesa de um engajamento social, doutrinário e messiânico, por assim dizer, mas que ao mesmo tempo apresentam como ponto comum uma idéia de negação de vida e cotidianidade social, materialidades concretas dos sujeitos e do contexto sócio-histórico em que se encontram.

Em Benda, por ver um caráter hedonista na vida comum e uma posição agnóstica em relação ao cotidiano, em sua visão à política. Em Mannhein, uma perspectiva idealista ao posicionar os intelectuais como categoria social distante de uma perspectiva de classes, como se tais conflitos não fossem também vividos por tal categoria. Em Ortega e Croce, por uma visão liberal de Estado e de cultura, respectivamente, considerando, sobretudo para este último, sua trajetória de militância no partido liberal italiano.

Estes elementos, portanto, colocam de imediato fator de negação à articulação dos intelectuais à vida ou projetam um nobre papel destes sujeitos sociais, com uma perspectiva de caráter platônico, literalmente reveladora do ícone da caverna.⁸

Os intelectuais aparecem como luzes, para uma sociedade que se encontra nos impasses, nos conflitos que ela determina social e historicamente, ou “sem rumos” para a qual, necessariamente, existe uma categoria social isenta, sejam dos pecados, para a pureza clériga, ou dos interesses para o alicerçamento de certa teleologia, prestes a indicar o devir.

Estes processos para além destas percepções exigem reflexão sobre o efetivo engajamento dos intelectuais à vida e à cotidianidade e posicionamento claro de seu comprometimento sócio-histórico.

3. A INTELLIGENTSIA – INDEPENDÊNCIA OU ORGANICIDADE

Outra perspectiva deve ser empreendida: a de que os homens estão inseridos em uma espacialidade concreta. Os intelectuais disputam posições, tal como delineia a classificação aristotélica, disputam posições em um campo de lutas em uma espacialidade, como também define Bourdieu⁹.

[...] um espaço - o que eu chamaria de campo - no interior do qual há uma luta pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar nesse jogo. Colocar logo de saída o que está em jogo nesse jogo seria suprimir as questões que os participantes levantaram aqui porque elas realmente se colocam na realidade, no espaço.¹⁰

Esse processo faz emergir um sentido preciso no conteúdo e na forma de produzir ciência e de se posicionar frente ao mundo. Visão que destitui qualquer possibilidade de isolamento ou de uma possibilidade de antever (saídas?) sem protagonizar nova realidade social. Delimitando o que nos anos 50 e 60 do século passado se denominou de visão social de mundo, posição de classe¹¹.

Num sentido de que a consciência é a percepção sobre um momento dado, não a leitura do imutável e do acabado, mas sim da possibilidade de vir-a-ser. Não há pré-determinação, a história está por se fazer e sendo feita de forma contínua pelos sujeitos sociais.

⁷ Ver Bobbio, op.cit.

⁸ Jeannière, Abel. *Platão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (versão comentada)

⁹ Bourdieu, Pierre *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹⁰ Bourdieu, P. op.cit. p.119.

¹¹ Lukács, Georg. 1974, *História e Consciência de Classe. Estudos de Dialética Marxista*. Trad. de Teima Costa Porto, Publicações Escorpiano, 1974.

Por conseguinte, a história não ocorre somente *dentro* do domínio de validade dessas formas, segundo a qual a história significaria apenas a mudança de *conteúdos*, de homens, de situações etc., com *princípios* sociais eternamente válidos. Essas formas são ainda o *objetivo* ao qual aspira toda história e, depois de realizadas, a história chegaria a um fim, pois já teria cumprido sua missão. Mas ela é, antes, justamente a *história dessas formas*, sua transformação *como* formas da reunião dos homens em sociedade, como formas que, iniciadas a partir das relações econômicas objetivas, dominam todas as relações dos homens entre si (e assim também as relações dos homens consigo mesmo, com a natureza, etc.)¹².

Esse processo faz reconhecer a impossibilidade de uma produção do conhecimento que não carregue o devir, uma dimensão de classe e um posicionamento político. Se for possível delimitar e, se neste caso, estas questões não se figuram como tautologia.

Este quadro teórico e metodológico resulta, pois, em reconhecer sua unidade com o ideológico e faz sucumbir a perspectiva “insípida” e “inodora” do saber desinteressado, que protagoniza sem dizer o que faz, que educa nossa consciência sem a clareza ou a denúncia da intencionalidade e que se vincula ao poder e ao controle do econômico.

Trata-se de amálgama dos poderes contemporâneos: o político pela opressão e poder coercitivo; o econômico pela força e chantagem dos capitais e o ideológico como aquele que reafirma uma única lógica de existência no mundo.

Uma intelectualidade, um saber homogêneo que se apresenta como mito, a racionalidade em si e se instaura como “expertise”. Os “expertos” como afirma Chomsky, traduzem o desconhecido, vivido cotidianamente, revela o óbvio e sintetiza a passividade social.¹³

Não é por acaso que os “expertos” cerram fileiras à frente de grupos de interesse, filiam sua notoriedade acadêmica a projetos de Estado, por interesse de classe ou cooptação, reafirmam teses neoliberais e o capital, como modo de ser, em negação ao trabalho em sua inexorável trajetória.

Carregam em si um elemento tecnicista, “técnicos do saber” como afirma Sartre¹⁴, que consolidam comportamentos e visões sociais de mundo. Em Bourdieu, portadores de um cinismo tácito que nada mais representa que um campo de relações objetivas de autoridade e sua legitimação.¹⁵

O universo 'puro' da mais 'pura' ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas *invariantes* revestem formas específicas.

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade que é socialmente outorgada a um agente determinado).¹⁶

De outra forma, de tradição gramsciana, depara-se com a mesma tese embora com demonstração clara de identidade e caráter orgânico. Neste caso a *intelligentsia* se estrutura para forjar os instrumentos de luta capazes de estabelecer uma nova ordem social e revolucionária. O

¹² Lukács, George. op.cit. p. 135.

¹³ Chomsky, Noam, *Cómo se reparte la tarta. Políticas USA al final del milenio*, Icaria, Barcelona, 1996, pp. 21- 33.

¹⁴ Sartre, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução: Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁵ Bourdieu, Pierre. *Contra Fogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: J.Zahar Editores, 1998. 152p. (Vol.1)

¹⁶ Bourdieu, Pierre Sociologia. São Paulo, Ática, 1983. P. 122-123

intelectual orgânico se posiciona como organizador de uma cultura transformadora e uma produção de todo militante que busca:

[...] repetir constantemente e didaticamente (de forma variada) os argumentos que concorrerão para a ampliação da visão das massas; e a elevação cada vez maior da cultura da massa, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática.¹⁷

Nesse caso a principal contribuição deste pensamento se estrutura assim como em Lukács, na idéia de movimento e contradição (a antiteticidade das estruturas sociais para George Lukács¹⁸) que envolve Estado e Sociedade Civil (em Gramsci) posicionando os trabalhadores como classe que se prepara, como intelectual. Resgata-se aqui a tradição marxista de uma concepção de classe com clareza histórica e teórica de seu papel social, a romper com a onipresença do *Leviatã*.¹⁹ Embora a crítica estabelecida acerca dessa trajetória histórico-teórica se remeta ao socialismo real, cabe refletir que para o nosso propósito os intelectuais não se revestem de independência, mas de uma organicidade cujo vínculo partidário exige uma reflexão sobre o caráter de criticidade e autonomia frente ao contingente.

4. CONTINGENTE – SER E DEVER SER

As reflexões apontadas denotam a impossibilidade de neutralidade sobre o conhecimento e seus usos. Denotam ainda uma dimensão prática do intelectual, o que exige reconhecer sua inserção em uma divisão social e técnica do trabalho.

O propósito em evidenciar este processo decorre mais do que a revelação de seu vínculo de classe, mas, sobretudo da tomada de consciência de sua existência. Talvez este propósito seja nulo para o cientista social, mas ele não se estabelece para outros cientistas/intelectuais para os quais perdura, para além da cooptação e da mercantilização do conhecimento, a produção em si.

Uma produção que se põe como que “descolada” da vida destes sujeitos. A considerar que no plano cotidiano se depara imediatamente com um campo ideológico, pueri: as noções de “desenvolvimento e contribuição social da pesquisa”.

É neste processo que figuram duas questões reveladoras da dimensão social e política do conhecimento: a prática e a ética. Na dimensão prática encontra-se literalmente a vida, no sentido proposto por H. Lefebvre²⁰, que se vincula a uma ciência de resultado, que impossibilita a crítica, que se desarticula e se fragmenta frente ao cotidiano.

Há nesta produção de conhecimento uma tácita filiação: aos mandarinatos científicos, à lógica do brilho e do reconhecimento midiático, à lógica do produtivismo, que embora tenham ressonância cotidiana, voltam para si como reflexos do real numa perspectiva mecânica. O “narciso-espelhismo” impede tais intelectuais de se visualizarem como trabalhadores, como classe, portadores de uma lógica de acumulação e protagonistas da destruição da vida e do futuro.

A subsunção do trabalho intelectual não se estabelece apenas pelos modismos e pelas lógicas de financiamento público e privado, mas pela apropriação e reprodução ampliada de forma privada (mesmo em instituições públicas) do conhecimento e da sua extenuação produtivista, que se reveste em vantagem econômica a muitos destes intelectuais.

No plano do cotidiano o sujeito pesquisador é o “experto”, se realiza nos minutos midiáticos e nas recompensas das diferenciações sociais dos sujeitos pesquisadores. Na

¹⁷ Gramsci, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.p.27.

¹⁸ Lukács, G. *Ontologia do Ser Social. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

¹⁹ Lukács, George. Op. Cit.

²⁰ Lefebvre, Henri: *A vida cotidiana no mundo moderno*; Ed. Ática, S. Paulo, 1991.

mercantilização do seu conhecimento, na privatização e na consolidação de sua inserção no plano das classes, sem precisar qual sua capacidade perceptiva deste processo.

Neste caso é que se faz necessário romper com a dimensão prática e estabelecer o plano ético. Romper com o plano do ser, da vida em si, em seu cotidiano fetichizado que o posiciona “quase que sem devir”. No imediatismo produtivista seu devir é acrítico, porque não claramente teleológico (sem consciência?).

A perspectiva ou plano ético, ou deontológico, no pleno sentido do que “deve ser”, retorna o elemento da crítica, inexistentes nos mandarinos científicos, e exige uma consciência acerca do conhecimento produzido e seu rebatimento sobre o cotidiano, a vida pública e política do ser social.

Inaugurar a dimensão ética junto aos intelectuais é exigir novo comportamento, que não nega seu protagonismo, mas que não se coloca como vanguarda. Coloca-se como aquele que reconhece uma posição de classe e os efeitos de seu pensar e a materialidade de seu conhecimento. Apresenta para si uma tarefa singular, embora não seja simples: de revelar contradições.

Pautando as trajetórias do possível, para a crítica e a reflexão conjunta: não se trata do caminhar seguro.

Trata-se apenas do caminhar, para além do imediatismo do interesse, fazendo com que o outro também seja portador de futuro. Caminhar... e... caminhar, não somente como um método, mas como síntese de vida e cotidiano, com claro sentido do devir, compreendendo o contingente não como um “fazer” e muito menos como simples lógica do possível.

Jaboticabal-SP

Outono de 2008.